

Revista Gepesvida

Edição Especial

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Número 12. Volume 5. 2019-2. ISBN: 2447-3545.



ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: UMA EXPERIÊNCIA SIGNIFICATIVA NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA (RP)

Izadora Domingues¹
Patrícia Coelho de Macedo²
Taiany Regina Coelho³

RESUMO

Tem-se como propósito compartilhar por meio deste artigo os experimentos vividos por nós residentes durante o Projeto de Residência Pedagógica (RP) do Centro Universitário Municipal de São José – USJ em parceria com Ministério da Educação e Cultura (MEC) e com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Essa experiência se configura como qualitativa e de campo em que os residentes estiveram, nessa primeira etapa, imersos na sala de aula compondo momentos de observação e intervenção. Todas as atuações pautaram-se nos aspectos relacionados a alfabetização matemática. Após o período de observação participativa e em conversa com a preceptora da turma, chegamos à conclusão que poderíamos trabalhar dentro da matemática alguns conteúdos que necessitam de uma atenção especial. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) direcionou nossa atuação na área da matemática por consideramos que não basta para a criança apenas aprender conceitos matemáticos, mas aprender a utilizar esses saberes na vida real, tornando-se ser criativo e crítico”.

Palavras-chave: Alfabetização matemática. Residência pedagógica. BNCC.

ABSTRACT

The purpose of this article is to share the experiences lived by us residents during the Pedagogical Residence Project (RP) of the São José Municipal University Center - USJ

¹ Residente do Programa de RP do USJ.

² Residente do Programa de RP do USJ.

³ Residente do Programa de RP do USJ.

Revista Gepesvida

in partnership with the Ministry of Education and Culture (MEC) and with the Coordination of Improvement Higher Education Personnel (CAPES). This experience is qualitative and field experience in which residents were, in this first stage, immersed in the classroom composing moments of observation and intervention. All performances were based on aspects related to mathematical literacy. After the period of participatory observation and in conversation with the class teacher, we came to the conclusion that we could work within mathematics on some content that needs special attention. The Common National Curriculum Base (BNCC) directed our work in the area of mathematics because we consider that it is not enough for the child to only learn mathematical concepts, but to learn to use this knowledge in real life, becoming creative and critical.”

Keywords: Mathematical literacy. Pedagogical residence. BNCC.

1. INTRODUÇÃO

Tem-se como propósito compartilhar, por meio deste artigo, os experimentos vividos por nós, residentes durante o Projeto de Residência Pedagógica (RP) do Centro Universitário Municipal de São José – USJ, em parceria com Ministério da Educação e Cultura (MEC) sob a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Essa atuação teve como arcabouço as estratégias utilizadas no processo de alfabetização e letramento matemático, pelos quais as crianças do segundo ano do ensino fundamental foram inseridas por meio dos planos de docência por nós propostos.

Sentimos o desejo de trabalhar e escrever sobre esse tema após as observações, as quais nos levaram a perceber a necessidade dos estudantes em desmistificar a disciplina de matemática, os traumas causados por ela e o triste pensamento de serem conteúdos abstratos e sem utilização. Nesse sentido, nossa atuação foi direcionada no sentido de apresentar uma discussão sobre algumas questões curriculares que envolvem a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), na área do conhecimento matemático, a partir de uma reflexão sobre os objetos de conhecimento dos anos iniciais do ensino fundamental.

A fundamentação teórica que respaldou nossas reflexões tem como autores Costa (2016) e D'Ambrosio (2011). Ambos direcionaram nossos registros ao esclarecimento das situações vivenciadas na RP, especialmente, referentes ao ensino e à aprendizagem de Matemática nos anos iniciais. Desse modo, a possibilidade do relacionamento das teorias e conceitos matemáticos apreendidos em sala de aula com o

Revista Gepesvida

uso prático na sua vida cotidiana, pode fazer com que essas crianças vissem essa disciplina com outros olhares. Olhares esses que proporcionem um aprendizado significativo e potencializador de mudanças, descobrindo, assim como na alfabetização, a função social da matemática. Para Costa (2016, p. 23) a alfabetização matemática:

[...] na perspectiva no Letramento se utiliza do diálogo constante com outras áreas de conhecimento e com situações de práticas sociais, preferencialmente do universo infantil, por meio de jogos e brincadeiras, promovendo autonomia nos sujeitos, compreensão mais abrangente do mundo e preparando-os para lidar com problemas e desafios diversos.

Nessa configuração, tomou-se a RP como referência para ampliar nossas ações com relação à alfabetização matemática. Nossos estudos apontam o estágio como “eixo central nos cursos de formação de professores, ao trazer a possibilidade de se trabalhar aspectos indispensáveis à construção do ser profissional docente no que se refere à construção da identidade, dos saberes e das posturas necessárias” (PIMENTA & LIMA, 2012, p. 29).

Desse modo, concordamos sobre a relação da BNCC com o cumprimento da meta 7 do Plano Nacional de Educação-PNE (2014-2024), assim como a melhoria da qualidade da Educação Básica e ainda, com a meta 15 do PNE, que propõe a garantia de política nacional de formação dos profissionais da educação com relação ao Art. 61 da Lei nº. 9.394/96 (BRASIL, 1996) que assegurando que todos os educadores da educação básica possuam formação específica, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam.

Alguns documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997) e BNCC (2017), destacam para essa utilização prática dos conteúdos apresentados pela disciplina da matemática com o intuito de formar o cidadão na sua integralidade (ANDRADE, 2011). Corroborando com esse novo conceito nos baseamos, também, em outras pesquisas recentes que também apontam para a importância dessa relação teórico/prática. Para Granell (2003) *apud* Loesatti:

A linguagem matemática pode ser definida como um sistema simbólico, com símbolos próprios que se relacionam segundo determinadas regras. Esse conjunto de símbolos e regras deve ser entendido pela comunidade que o utiliza. A apropriação desse conhecimento é indissociável do processo de construção do conhecimento matemático. Está compreendido, na linguagem matemática, um processo de “tradução” da linguagem natural para uma linguagem formalizada, específica dessa disciplina. (LORENSATTI, 2009, p. 90-91)

Revista Gepesvida

Diante desse conceito apresentado e como futuras educadoras temos no Projeto da RP a chance de uma inserção mais profunda em sala de aula, a qual não nos pode ser proporcionada pelo curso de Pedagogia devido à sua concorrida e disputada carga horária. A RP nos permite observar e atuar, avaliando e refletindo sobre a nossa prática, fazendo com que criemos expectativas de conscientização e base para a nossa identidade docente que está em formação.

Como alternativa para diminuir a distância entre teoria e prática na formação inicial dos pedagogos, Zeichner (2010) aponta a criação de terceiros espaços como o projeto da RP, o qual constitui uma nova forma para aprimorar a aprendizagem dos futuros educadores. Esse espaço é a reconexão entre escola e universidade e “[...] reúne o conhecimento prático ao acadêmico de modos menos hierárquicos, tendo em vista a criação de novas oportunidades de aprendizagem para professores em formação” (ZEICHNER, 2010, p. 487).

Nesse sentido, a RP torna-se uma experiência significativa para os residentes e tem ganhado espaço no universo das discussões e reflexões que se travam na busca por melhorias na qualidade do ensino. Barreiro & Gebran (2006, p. 22) afirmam que:

[...] a formação inicial é o começo da busca de uma base para o exercício da atividade docente. [...] deve assentar-se em concepções e práticas que levem à reflexão, no sentido de promover saberes da experiência, conjugados com a teoria, permitindo ao professor uma análise integrada e sistemática da sua ação educativa de forma investigativa e interventiva.

No cotidiano da sala de aula, observamos que as crianças aprendem a somar e subtrair, mas, ao irem à cantina da escola não são capazes de verificar se o troco está correto. Esse problema manifesta-se entre os adultos que se iludem por financiamentos e falsas promoções com juro abusivos. Esses adultos eram as crianças de ontem e as crianças de hoje serão os adultos de amanhã. O que estamos fazendo para que esse futuro seja diferente?

Trabalhar com uma aprendizagem baseada na resolução de problemas é um dos métodos encontrados para amenizar essa realidade. Porém, mesmo assim, os educadores podem falhar quando utilizam problemas fictícios que não levam as crianças a criar possibilidades, mas a resolver as operações como se fossem apenas contas de armar, sem significados que realmente as levem à reflexão e à contestação. Nos referimos, explicitamente, aos anos iniciais do ensino fundamental em que temos crianças que são

Revista Gepesvida

submetidas a uma aprendizagem de matemática repleta de falhas conceituais, lacunas, a qual fica evidenciada nas avaliações externas, seja em âmbito local, nacional ou em esfera internacional.

É proeminente apresentar a BNCC e algumas reflexões sobre os objetos de conhecimento que marcam diretamente nos processos de ensino e de aprendizagem de conteúdos matemáticos. Sobre o conhecimento matemático a BNCC considera que:

[...] é necessário para todos os alunos da Educação Básica, seja por sua grande aplicação na sociedade contemporânea, seja pelas suas potencialidades na formação de cidadãos críticos, cientes de suas responsabilidades sociais (BRASIL, 2017, p. 221).

A Matemática compõe uma área de conhecimento que para alguns é complexa, mas quando trabalhada de forma significativa, contextualizada e interdisciplinar, se torna fascinante e desafiadora, desse modo, democratizar sua aprendizagem desse saber é papel do professor (BRASIL, 1997).

2 METODOLOGIA

Essa experiência se configura como qualitativa e de campo em que os residentes estiveram, nessa primeira etapa, imersos em sala de aula compondo momentos de observação e intervenção. Todas as atuações pautaram-se nos aspectos relacionados à alfabetização matemática. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) direcionou nossa atuação à área da matemática por consideramos que não basta para a criança apenas aprender conceitos matemáticos, mas precisa aprender a utilizar esses saberes na vida real, tornando-se ser criativo e crítico.

A Residência Pedagógica tem sua metodologia constituída desde o início da formação dos educadores nas Instituições de Ensino Superior (IES) e segue por toda vida. O educador desenvolve-se nos processos de formação continuada, fornecidos, muitas vezes, pela escola e pelo município. Ele também se desenvolve na busca pessoal, ou seja, na sua autoformação e, ainda, se desenvolve e fortalece sua prática no cotidiano da escola, mais propriamente na sala de aula em que ele está inserido, pois ali, conhecendo as especificidades das crianças, poderá propor práticas por meio de metodologias que serão significativas a eles.

Revista Gepesvida

A formação docente dá-se no aproximar entre pesquisa e docência. Esta requer uma imersão em todos os espaços, em todos os grupos de trabalho dentro da instituição de ensino.

É necessário que o pedagogo em formação realize uma pesquisa participante, que nada mais é do que uma forma participativa de pesquisar que objetiva a melhora das condições vividas pelo grupo pesquisado, por meio de mudanças almejadas pelo grupo. O papel do pesquisador participante é dispor dos seus conhecimentos científicos para contribuir com trabalhos em comum. É necessário que o pesquisador se aproxime ao máximo da realidade social que ele se dispôs a pesquisar, é quase um fazer antropológico. Na pedagogia moderna e nos moldes da BNCC busca-se pela independência, autonomia e liberdade do sujeito e essa busca se dá de forma coletiva por meio da escola.

A construção da cidadania que viabiliza mudanças é subsidiada nas IES pela articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Para que esse processo de construção tenha sucesso é necessário que sejam criadas possibilidades de ação que nos tirem da sala da academia e nos insiram nas salas de aula do Ensino Fundamental, articulando conhecimentos científicos e pedagógicos aos ensaios da vida cotidiana escolar, permitindo que os saberes acadêmicos sejam democratizados e passíveis de transformação.

Por meio da RP temos de forma mais visível essas possibilidades de imersão, pois ela nos proporciona presenciar diversos momentos da vida escolar, desde as observações participativas até os preparativos para planejar e realizar as docências, tendo tempo para avaliar, reavaliar e refletir sobre a nossa prática docente.

3 DESENVOLVIMENTO

Após o período de observação participativa e em conversa com a preceptora da turma, chegamos à conclusão que poderíamos trabalhar dentro da matemática alguns conteúdos que necessitam de uma atenção especial. Percebemos que, para as crianças de forma em geral, a matemática é considerada algo alheio ao seu cotidiano e, muitas vezes, é vista como um “bicho de sete cabeças”, nesse intuito procurou-se oferecer aulas mais variadas, utilizando materiais concretos, experimentos, situações do cotidiano das

Revista Gepesvida

crianças e tecnologia. Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017, p. 262) afirma que:

O Ensino Fundamental deve ter compromisso com o desenvolvimento do letramento matemático, definido como as competências e habilidades de raciocinar, representar, comunicar e argumentar matematicamente, de modo a favorecer o estabelecimento de conjecturas, a formulação e a resolução de problemas em uma variedade de contextos, utilizando conceitos, procedimentos, fatos e ferramentas matemáticas. É também o letramento matemático que assegura aos alunos reconhecer que os conhecimentos matemáticos são fundamentais para a compreensão e a atuação no mundo e perceber o caráter de jogo intelectual da matemática, como aspecto que favorece o desenvolvimento do raciocínio lógico e crítico, estimula a investigação e pode ser prazeroso (fruição).

As habilidades matemáticas que a criança deverá levar para a vida dependerão exclusivamente da maneira como ele aprenderá a matemática na escola, por isso a grande importância de trabalhar situações reais com a resolução de problemas, investigação e uso de estratégias lúdicas possibilitando à criança o desenvolvimento do raciocínio, da sua comunicação e, principalmente, da sua argumentação. A ligação lúdica entre os episódios almeja trazer para este tipo de texto também os pequenos leitores, que fazem parte do jogo protagonizado, uma vez que contam suas próprias histórias com a matemática. Os conteúdos apresentados na BNCC são organizados em unidades temáticas, e cada unidade temática contempla um leque (maior ou menor) de objetos de conhecimento. Para D'Ambrosio (2011, p. 76) "a matemática escolar é o substrato formal de uma reunião de modelos do mundo real, originados de situações e problemas concretos".

A BNCC (BRASIL, 2017, p.261) reitera que “O conhecimento matemático é necessário para as crianças da Educação Básica, seja por sua grande aplicação na sociedade contemporânea, seja pelas suas potencialidades na formação de cidadãos críticos, cientes de suas responsabilidades sociais Nesse sentido, o projeto vai abranger, também, a área da língua portuguesa, com o intuito de praticar a oralidade e o conhecimento da escrita de números por extenso. Além disso, trará a com alguns elementos de linguagem, aliados a músicas e ritmos. A ciência e a geografia auxiliarão na leitura de mundo e na forma como a matemática está ligada à vida dessas crianças.

Para Morin (2015) essas reflexões devem ser impulsionadas na formação do educador, e destaca a necessidade do emprego da inteligência geral, em que:

Revista Gepesvida

Esse pleno emprego exige o livre exercício da faculdade mais comum e mais ativa na infância e na adolescência, a curiosidade, que, muito frequentemente, é aniquilada pela instrução, quando, ao contrário, trata-se de estimulá-la ou despertá-la, se estiver adormecida. Trata-se, desde cedo, de encorajar, de instigar a aptidão interrogativa e orientá-la para os problemas fundamentais de nossa própria condição e de nossa época. (MORIN, 2015, p. 22)

A BNCC marca que a matemática adquire um papel fundamental de inclusão do sujeito, a partir de uma reflexão sobre sua cidadania e seu protagonismo na conscientização do direito de aprender.

3.1 CONTEXTUALIZAÇÕES DO TRABALHO DOS RESIDENTES

Fazendo um estudo da escola que nos proporcionou a imersão no campo de residência pedagógica, podemos enunciar que é uma instituição de ensino modelo do município de São José, sendo a maior de ensino fundamental e, também, uma das mais bem qualificadas de acordo com a Secretaria Municipal de Educação, pesquisas institucionais e pesquisas realizadas com a própria comunidade. O que nos deixou entusiasmadas (?) por um campo de pesquisa e trabalho repleto de possibilidades. A turma da qual estamos fazendo parte é o 2º ano do Ensino Fundamental do período matutino, composta por vinte duas crianças, sendo onze meninos e onze meninas, pertencentes da mesma faixa etária. Esse grupo de crianças é bastante heterogêneo no que diz respeito às suas especificidades, o que requer um olhar bastante cuidadoso da preceptora no momento de planejar as suas ações. Pois,

A heterogeneidade característica presente em qualquer grupo humano passa a ser vista como fator imprescindível para as interações na sala de aula. Os diferentes ritmos, comportamentos, experiências, trajetórias pessoais, contextos familiares, valores e níveis de conhecimento de cada criança (e do professor) imprimem ao cotidiano escolar a possibilidade de trocas de repertórios, de visões de mundo, confrontos, ajuda mútua e consequente ampliação das capacidades individuais. (AQUINO, 1998, p. 64)

Esse discurso nos leva a perceber o quanto a heterogeneidade se faz presente e como podemos trabalhá-la a partir da perspectiva de uma educação inclusiva e de ensino híbrido que se preocupa com valores, que é flexível, sensível, provedor de espaços diferenciados e de metodologias específicas que sejam acessíveis a todas as crianças.

A preceptora dessa turma é uma profissional experiente na função, comunicativa, atenciosa com as crianças e receptiva a sugestões. Sua prática inclui muitas

Revista Gepesvida

metodologias como: aulas expositivas, participativas e dialogadas por meio de vídeos, pesquisas, leituras em grupo, trabalhos artesanais e um incentivo à participação oral e escrita das crianças por meio de um caderno bem elaborado sobre os animais de estimação. Ela procura valorizar as qualidades das crianças incentivando-os e motivando-os com elogios, mas não deixa de admoestá-los quando necessário.

Concordamos com Ostetto (2012, p. 23) quando diz que:

[...] é fundamental olhar as instituições educativas [...] buscando reconhecê-las em sua estrutura e dinâmica diária, por meio do exercício de observação sustentando no respeito que convida ao diálogo. Tal prática implica o aprendizado do olhar, uma vez que no cotidiano educativo há que se atravessar os véus da aparência para enxergar verdadeiramente sujeitos, práticas, relações e espaços.

Cabe ao educador desenvolver esse olhar diferenciado, muitas vezes, utilizado com os pequenos, também com as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), como crianças, têm necessidades específicas, principalmente, no que está relacionado à importância do afeto para o processo de aprendizagem.

3.2 IMPORTÂNCIA DA RESIDÊNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTES

Antigamente, mais ou menos até a década de 1980, quando se pensava na formação de educador, percebia-se que era uma formação técnica e teórica. Com o passar dos anos, observamos uma nova necessidade para essa formação, que é viver o cotidiano escolar. O saber por si somente não bastava, era necessário saber fazer. Atualmente, observa-se que o campo se tornou um lugar de pesquisas e que o educador ganhou um papel de destaque nesse cenário. A formação docente inicial, antes fragilizada, passa agora por um novo alicerçamento fundamentado em grandes teóricos e educadores, sobretudo no real, na vivência do cotidiano escolar. Nesse momento têm início as incertezas, as buscas e as pesquisas. A identidade docente se constituirá a partir de cada uma delas juntamente com a autoformação.

Em consequência disso, pode-se compreender a importância de estar imerso no campo de atuação profissional durante a formação inicial, pois é nessa imersão que ocorrerão as aprendizagens, as descobertas e surgirão as primeiras pedras de base para a

Revista Gepesvida

identidade pedagógica do residente. Reitera-se, ainda, como poderia ser positiva essa entrada se ocorresse nas primeiras fases do Curso de Pedagogia e não apenas no momento que se passaram cinquenta por cento do curso ou até mais.

Afinal a RP se constitui em momentos de reflexão numa parceria entre residente e preceptor, não é um momento apenas para avaliação, mas sim para trocas. Trocas de experiências por novas metodologias e tecnologias, troca do costumeiro pelo novo, trocas que inovem, instiguem, recriem e favoreçam o processo de ensino e aprendizagem com o intuito de poder vislumbrar melhores resultados, tanto da aprendizagem, quanto da prática docente em si.

3.3 A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM SÃO JOSÉ

Com vistas à formação de um educador reflexivo que aproxime o currículo acadêmico ao cotidiano escolar e, com isso, extinga a dicotomia entre teoria e prática, em agosto de 2018 foi implantando, no Centro Universitário Municipal de São José (USJ), o Programa de Residência Pedagógica (PRP) em parceria com o Ministério da Educação (MEC) e com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sob a coordenação da Prof^a Dr^a Wanderléa Damásio. A proposta principal do PRP é a imersão dos acadêmicos do curso de Pedagogia do USJ nas instituições de ensino do município de São José.

Percebe-se que, em sua formação inicial, os acadêmicos apropriam-se de teorias e metodologias, mas é no dia a dia que se aprende como utilizá-las, reelaborá-las e adaptá-las conforme a necessidade de uma turma específica de crianças.

Com estas reflexões,

[...] pode-se dizer que o motor que anima e dá sentido ao estágio- tanto na Pedagogia como nas demais licenciaturas- é a busca da relação contínua- possível e necessária- entre os estudos teóricos e a ação prática e cotidiana. O (a) estagiário (a) deverá relacionar-se adequadamente com a escola e/ou outra instituição educacional, buscando compreendê-la (s) em suas relações internas, reconhecendo-a (as) em seu contexto específico. Importa analisar o que acontece, como, por quê, onde, com e quando acontecem determinadas situações, buscando um novo sentido diante do que está sendo observado e apreendido no processo junto à realidade observada. (CALDERANO, 2012, p. 251 *apud* POLADIAN, 2017, p. 3064)

Revista Gepesvida

Consideramos, assim, uma oportunidade indispensável para auxiliar-nos em nossa formação inicial, contribuindo para nossa práxis pedagógica.

4 ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES E INTERVENÇÕES NA RP

Propomo-nos a trabalhar a matemática interdisciplinarmente com outros conteúdos de forma contextualizada com o cotidiano da criança. Partimos, então, para aulas práticas, criativas, dinâmicas e instigantes a fim de chamar a atenção das crianças para que a matemática fosse vista de uma forma agradável e facilitadora do dia a dia.

A partir das docências por nós realizadas, observamos a importância de dar voz para a criança no sentido de permitir que aprenda a se expressar de forma clara, coerente, preocupando-se em ser compreendida pelo receptor, falando em tom de voz que seja nítido e com ritmo adequado, respeitando as pontuações. De acordo com Freire (2014, p. 43):

Não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não organizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em “seres para outro” por homens que são falsos “seres para si”.

Por isso a relevância de um educador mediador, disposto não somente a dar voz, mas, também, em dar ouvidos ao que as crianças têm para compartilhar. Possibilitando que a criança se sinta capaz de opinar e argumentar, desenvolvendo sua autonomia.

Partindo do ponto de vista do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em que os estudantes do segundo ano do Ensino Fundamental estão dentro da faixa etária considerada para crianças, vemos a necessidade de trabalhar os conteúdos por meio da ludicidade, pois:

[...] brincando, aprenderá, o futuro construtor, a medir e a usar a trena; o guerreiro, a cavalgar e a fazer qualquer outro exercício, devendo o educador esforçar-se por dirigir os prazeres e os gostos das crianças na direção que lhes permita alcançar a meta a que se destinarem (PLATÃO *apud* SILVEIRA, 1998, p.41).

Nessa ótica, aliada à ludicidade, percebemos a importância em trabalhar diferentes metodologias possibilitando a aprendizagem por meio de saídas a campo e muita criatividade para tarefas consideradas simples utilizando materiais diferenciados.

Revista Gepesvida

Levar as crianças a refletir sobre práticas do dia a dia, como no caso do sistema monetário, materiais e instrumentos usados para calcular, foi abrir um leque de opções de atividades que fossem significativas para elas, pois anteriormente havíamos percebido a sua dificuldade em usar o dinheiro na compra do lanche na cantina, sem terem noção do valor das cédulas em relação aos seus gastos e ao troco a ser recebido. “Reconhecer e relacionar valores de moedas e cédulas do sistema monetário brasileiro para resolver situações simples do cotidiano do estudante” é uma das habilidades propostas pela BNCC (BRASIL, 2017, p. 27) a ser desenvolvida pela criança do ensino fundamental.

Com o intuito de aulas diferenciadas buscamos nas tecnologias digitais recursos que favoreçam o processo de ensino e aprendizagem, porém percebemos que, o que precisa mudar é exatamente isso, pois a tecnologia na mão do educador é apenas mais um recurso e a tecnologia na mão da criança é uma possibilidade que segundo Bacich (2017) permite que a criança seja considerada o ponto chave do processo, sendo estimulado a desenvolver a construção do seu próprio conhecimento, avaliando e traçando o percurso que deseja trilhar na relação com os diferentes saberes.

Da mesma forma que as tecnologias digitais contribuem para a aprendizagem, ainda é muito comum o uso das tecnologias não digitais, algumas vezes consideradas ultrapassadas, mas que diante das crianças ainda são capazes de causar encantamento e curiosidade, como foi o caso do ábaco, dos gibis, dos blocos de papel e das cédulas de dinheiro falso, que foram manuseadas pelas crianças e que favoreceram a apreensão de um conhecimento significativo.

Em síntese, as pesquisas, observações, reflexões e avaliações nos deram subsídios para planejar, embora,

Em muitas situações práticas, o planejamento é percebido apenas como um procedimento burocrático e estático, no qual itens são preenchidos, como objetivos, metodologia, recursos e avaliação. Sem que o resultado desse momento de planejamento sirva para orientar a prática pedagógica e sem que essa prática contribua para rever o planejamento anterior realizado a partir da avaliação e reflexão do que se desenrolou no contexto escolar. (RAMOS, 2013, p.1)

Por outro lado, compreendemos a importância do planejar ainda que o planejamento seja flexível e necessite ser adaptado em muitas situações ele é a peça fundamental para que possamos refletir e avaliar a nossa prática, é a partir dele que podemos transformá-la e fazê-la significativa para a aprendizagem dos nossas crianças.

Revista Gepesvida

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das etapas de pesquisa, imersão no campo, observação e docência aliadas às formações específicas da residência pedagógica acreditamos que tivemos um bom embasamento para dar início às nossas propostas de ação pedagógica. Consideramos de grande relevância o tema proposto por nós, que foi o uso cotidiano da matemática associado a outras disciplinas de forma interdisciplinar e significativa.

Compreendemos que todo trabalho de pesquisa realizada na academia contribui para que outros acadêmicos possam despertar para a importância do tema trazido, nesse caso a matemática no uso cotidiano, desmistificando a visão de que esta disciplina é algo que deva ser temido ou que é abstrato e sem uso significativo para o dia a dia.

Por meio da ludicidade conseguimos passar para as crianças de que maneira a matemática transpassa os muros da escola saindo dos cadernos e livros didáticos para as feiras, supermercado e para a autonomia na compra de um lanche. Dessa maneira acreditamos que o tema foi de grande importância para a formação integral do sujeito que está em pleno desenvolvimento.

Para nós residentes, essa imersão no campo nos possibilitou um novo olhar a respeito do que é estar inserido no contexto escolar, pois nos deu a oportunidade de conhecer de forma mais completa a escola como instituição que vai além da sala de aula e envolve questões políticas, sociais e econômicas. Apesar de estar iniciando nesse semestre o projeto de RP, obtivemos resultados positivos na construção da nossa identidade docente, e criamos expectativas no que ainda está por vir, de maneira a contribuir ainda mais para a nossa formação.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa (org). **Autoridade e autonomia na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 3ª versão. Brasília: Ministério da Educação. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 20 de dez de 2018.

Revista Gepesvida

_____. **Plano Nacional de Educação (PNE, 2014-2024):** Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 86 p. – (Série legislação; n. 125.)

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN):** Lei nº. 9394/96. Brasília - DF, 1996.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Documentação, 2017. 518 p. Atualizada até a EC n. 97/2017. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>. Acesso em 21 de março de 2018.

BACICH, Lilian . Formação continuada de professores para o uso de metodologias ativas. In: Bacich, Lilian; Moran, José. (Org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora.** uma abordagem teórico-prática. 1ed.Porto Alegre: Penso, 2017, v. 1, p. 129-152.

BARREIRO, Iraíde M. de F.; GEBRAN, Raimunda A. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores.** São Paulo: Ed. Avercamp, 2006.

COSTA, Edicléia Xavier da. Narrativas de professores alfabetizadores sobre o PNAIC de alfabetização matemática. / Edicléia Xavier da Costa. – **Dissertação** (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Educação em Ciências e em Matemática.Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. 259 f

D´AMBROSIO, U. **Educação para uma Sociedade em Transição.** 2ª edição. Natal - RN: Editora da 143, UFRN, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

LORENSATTI. Linguagem Matemática e Língua Portuguesa: diálogo necessário na resolução de problemas matemáticos. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 89-99, maio/ago. 2009.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. 8ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na Educação Infantil: mais que atividade. **A criança em foco.** 2012.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria S. L. **Estágio e docência.** São Paulo: Cortez, 2012.

Revista Gepesvida

RAMOS, Daniela K. Os conteúdos de aprendizagem e o planejamento escolar. **Psicopedagogia OnLine**, v. 3, p. 1-11, 2013.

SILVEIRA, M. J. M.. **O ensino e o lúdico**. Santa Maria-RS: Multipress, 1998. 67p

ZEICHNER, K. Repensando as conexões entre a formação na universidade e as experiências de campo na formação de professores em faculdades e universidades. **Educação**, v. 35, n° 3, p. 479-504, set/dez, Santa Maria, 2010.

Data da submissão: 17-08-2019

Data da aceitação: 16-12-2019